

A NATUREZA DA FILOSOFIA E O SEU ENSINO THE NATURE OF PHILOSOPHY AND ITS TEACHING METHOD

Desidério Murcho*

Resumo

O ensino da Filosofia é muitas vezes de má qualidade, devido a uma incompreensão da natureza da própria Filosofia — e do conhecimento em geral. Neste artigo, procuro mostrar que a Filosofia difere apenas em grau, e não em espécie, de outros tipos de conhecimento, e retiro daí conseqüências para o seu ensino. Ensinar Filosofia é ensinar a pensar criticamente sobre os problemas, as teorias e os argumentos da filosofia. Para isso, o estudante tem de ter instrumentos críticos e informação adequada. Só assim poderá participar de igual para igual no debate de idéias filosóficas. Apesar de essas idéias serem praticamente senso comum nas melhores universidades onde se ensina Filosofia, elas constituem algo que ainda está longe de ser uma realidade no ensino português da Filosofia.

Palavras-chave: filosofar, discussão, aprendizagem.

Abstract

The good teaching Philosophy is often precluded by a failure to understand the nature of Philosophy and knowledge itself. This paper tries to show that Philosophy differs only in degree and not in kind from other subjects, and from this draws some consequences regarding the teaching of Philosophy. Teaching Philosophy is teaching to think critically about philosophy's problems, theories and arguments. In order to do that, students must have critical tools and appropriate information. Only then can the student partake on an equal basis on the discussion of philosophical ideas. Although these ideas are pretty much common sense in the best universities that teach Philosophy, they are far from being a reality in the Portuguese teaching of Philosophy.

Key words: philosophise, debate, learning.

* Bolsita da Fundação para a Ciência e a Tecnologia em King's college London, Dep. of Philosophy, strand, London WC1 2LS, United Kindom. E-mail: desiderio.murcho@kcl.ac.uk.

Uma das dificuldades que estudantes e professores de Filosofia enfrentam é a seguinte: ao contrário do que acontece noutras disciplinas, a Filosofia não tem um corpo imenso de conhecimentos que tenhamos de adquirir. Isso desorienta o estudante e o professor, porque não encontram na Filosofia o tipo de conteúdos que se encontram na história, na física ou na matemática. Na História, há acontecimentos que têm de ser compreendidos; na Física, leis e fórmulas; na Matemática, teoremas e axiomas e regras. E na Filosofia? Há as opiniões opostas dos filósofos, que nunca parecem chegar a um consenso mínimo. Essa visão das coisas está sutilmente errada, mas é, em parte, correta — e o problema é que ela desorienta estudantes e professores. É a esse tipo de problemas que a natureza da Filosofia levanta para o ensino e o estudo que dedico estas páginas. Espero que sejam úteis.

O primeiro aspecto a ter em linha de conta é o seguinte: ao contrário do que as pessoas pensam, o que há realmente de interessante na Física para um físico, ou na Música para um musicólogo, ou na História para um historiador, não é o amontoado de conteúdos que se aprendem ao longo de vários anos de ensino nos bancos do ensino médio e da faculdade, mas o que vem depois disso: as fronteiras do conhecimento, o que ainda não se sabe sobre a civilização minóica ou a revolução francesa, o que ainda não se sabe sobre a origem do universo ou a natureza dos quarks, o que ainda não se sabe sobre a natureza do ritmo ou da harmonia. Todavia, porque as fronteiras do conhecimento só são exploradas por relativamente poucas pessoas, geralmente depois de ou durante um doutoramento nessas áreas, as pessoas ficam com a idéia errada de que a Física são apenas aquelas fórmulas e leis que se aprenderam nos bancos do ensino médio e da faculdade. As pessoas desconhecem que o conhecimento, em todas as áreas, assim como as artes e outras manifestações culturais, está em formação; não está acabado. E desconhecem que, nas fronteiras do conhecimento há desacordo, discussão de idéias, disputas, várias teorias em confronto, tentativas falhas de compreender certos fenômenos, etc. Como na Filosofia. A diferença fundamental é que, na Filosofia, ficamos nas fronteiras do conhecimento ao fim de muito pouco tempo, porque, em Filosofia, não se sabe praticamente nada.

Mas se não se sabe praticamente nada na Filosofia, como podemos andar a estudar Filosofia durante anos na escola e na faculdade? Podemos fazer isso porque o tipo de estudo que se faz em Filosofia — se o fizermos bem — é como o estudo que faz um historiador quando explora as fronteiras do conhecimento: descobre problemas, procura resolvê-los, discute a sua solução com os seus colegas, e os seus colegas discordam dele, e avançam outras soluções, apoiadas noutros argumentos, chamando a atenção para diferentes provas históricas ou para diferentes maneiras de interpretar essas provas. E o mesmo faz o físico: apresenta novas teorias, procura refutar as dos seus colegas, chama a atenção para novas experiências, ou reinterpreta velhas experiências. Uma vez mais: a diferença é que um físico ou um musicólogo ou um historiador apóiam-se numa imensidão de conhecimentos e o desgraçado do filósofo está em cima de uma tábua frágil, no meio de um oceano de dúvidas e perplexidades.

Mas até essa imagem é enganadora. Apesar de o filósofo não poder apoiar-se numa imensidão de conhecimentos filosóficos, pode e deve apoiar-se precisamente nos mesmos conhecimentos em que se apóia o musicólogo, o historiador ou o físico — tudo depende da área da Filosofia que estamos a estudar. Não podemos estudar filosofia da arte, sem nada saber de arte; não podemos estudar filosofia da linguagem, sem nada saber de lingüística; não podemos estudar metafísica, sem nada saber de lógica; não podemos estudar filosofia da ciência sem nada saber de ciência. Mas, tal como o físico que se apóia em tudo o que se sabe sobre os fenômenos físicos coça a cabeça sem saber resolver os problemas intrincados das fronteiras da Física, também o filósofo

fo está perplexo, porque tudo o que se sabe em todas as disciplinas do conhecimento não lhe permite resolver os problemas intrincados que lhe interessam.

Não admira que a natureza da Filosofia provoque tanta perplexidade e desorientação nos estudantes e professores. A tentação é acabar com a Filosofia — é precisamente o que os novos programas do Ministério da Educação de Portugal fazem: transformam a Filosofia numa espécie de conversa de café, vaga e sem qualquer contacto com a tradição filosófica. Seria como sentarmo-nos todos à mesa do café a discutir a origem do universo, sem nada saber de Física: um absurdo irresponsável. A tentação do Ministério é transformar a Filosofia numa espécie de Sociologia e Psicologia baratas. Outra tentação é transformar a Filosofia em história da filosofia: em vez de discutirmos os grandes problemas filosóficos, fazemos a história dessa discussão e mantemo-nos delicadamente afastados da discussão. É claro que isso é altamente frustrante para o estudante mais inteligente e talentoso que, precisamente, está muito interessado em pensar e discutir idéias sobre vários problemas filosóficos que o preocupam. Essas duas atitudes mostram bem a desorientação: reduzir a Filosofia a outras disciplinas é sintoma de que andamos desesperados à procura de conteúdos, queremos que a Filosofia tenha conteúdos, como a Física ou a Musicologia. Ou acabamos por fazer da história da filosofia o próprio conteúdo da Filosofia. Em ambos os casos, há desorientação e uma incompreensão de base da natureza da Filosofia.

A pergunta que se impõe é esta: o que vamos então estudar e ensinar aos nossos estudantes? Se a Filosofia não tem conteúdos, que vamos nós fazer? É muito simples: vamos estudar e ensinar a discutir os problemas da Filosofia, começando pelos mais acessíveis e avançando para os mais difíceis. Para uma pessoa poder discutir com pés e cabeça um problema qualquer da Filosofia, tem de ter os conhecimentos relevantes (de ciência, arte, etc.), como já fiz notar. E tem de conhecer minimamente a discussão atual desse problema. Do mesmo modo que um físico ou um historiador não pode ignorar as respostas dos seus colegas aos problemas que o preocupam, também o filósofo não pode ignorar as respostas dos outros filósofos aos problemas que o preocupam. E a verdade é que se aprende muito estudando essas discussões, apesar de não se aprender conteúdos perfeitos e acabados como os da Física ou da História do ensino médio — mas como já ficou claro, esses conteúdos perfeitos e acabados da História e da Física do ensino médio não são, nem de perto nem de longe, o que interessa aos grandes historiadores e aos grandes físicos. Finalmente, para uma pessoa poder discutir um problema em Filosofia, tem de saber discutir problemas: tem de saber lógica formal e informal, do mesmo modo que um historiador tem de saber compreender um documento ou um físico tem de saber fazer uma experiência ou compreender uma fórmula.

Quando o ensino da Filosofia é de qualidade, como raramente é em Portugal, o estudante sai da disciplina sabendo pensar com mais clareza, sabendo traçar distinções, sabendo detectar e evitar erros de raciocínio, sabendo avaliar opiniões opostas e a tomar decisões informadas e refletidas. Como é evidente, isso é de importância fundamental para a vida pública e cultural de qualquer sociedade.

O estudo da Filosofia começa pela compreensão gradual de um determinado problema ou conjunto de problemas filosóficos. O que é realmente o problema do livre arbítrio, por exemplo? Como podemos formulá-lo com precisão? O que está em causa? Por que razão é importante? Não será antes uma confusão, um falso problema?

Uma forma de tentar compreender um problema é saber o que alguns dos grandes filósofos, clássicos e contemporâneos, pensaram sobre esse problema. Muitas vezes, verifica-se que diferentes filósofos compreenderam o problema de formas

sutilmente diferentes. A compreensão que um dado filósofo tem de um dado problema será a melhor? Ou não? Por quê? Contrastando as formas como diferentes filósofos formularam um problema com a nossa própria compreensão do problema, enriqueçemos a nossa compreensão, traçamos distinções e corrigimos confusões.

Como é evidente, os problemas existem para ser resolvidos, e os filósofos oferecem as suas soluções, as suas teorias, para resolver esses problemas, tal como os físicos e os biólogos. Mas serão essas teorias boas? Temos de pensar, analisar com cuidado as diferentes teorias, verificar todos os passos em que a teoria se apóia, e ver se o problema fica realmente resolvido, ou apenas disfarçado, reaparecendo noutra lado. O estudante de Filosofia compara essas teorias, forma a sua própria opinião sobre elas, e, se for criativo, cria a sua própria teoria ao longo de alguns anos de estudo e reflexão.

As teorias apóiam-se em argumentos e esse é outro aspecto em que a Filosofia difere muito das outras disciplinas. As teorias filosóficas apóiam-se quase exclusivamente em argumentos filosóficos. Os raciocínios dos físicos têm dois tipos de ajudas: a experiência empírica e a matemática. A experiência empírica permite-lhes testar as suas teorias, verificar se a realidade é como a teoria diz que é. A matemática permite dar um grande rigor a essas teorias, e permite retirar conseqüências experimentais precisas da teoria. A Filosofia, ao contrário das outras disciplinas, nem dispõe de testes empíricos, laboratórios e observações, estatísticas e outros dados; nem se apóia em raciocínios meramente matemáticos e formais. Tudo o que a Filosofia tem é o apoio dos resultados das outras ciências e a sua capacidade para refletir, de forma rigorosa e detalhada, sobre os problemas e teorias que nos interessam. O pensamento filosófico é sutil, por vezes muito abstrato, e apóia-se na argumentação não matemática. Precisamos conhecer a lógica formal e informal, para evitar confusões e falácias, mas não temos em Filosofia métodos formais de prova, ao contrário do que acontece na Matemática ou na Física. Temos apenas a nossa capacidade para argumentar, de forma tão rigorosa quanto possível.

Uma correta compreensão da natureza da Filosofia obriga a que o seu ensino procure o seguinte: o estudante terá de compreender claramente os problemas, as teorias e os argumentos da filosofia e terá de formar a sua opinião abalizada sobre eles; o estudante deverá ser estimulado a desenvolver o seu pensamento autônomo sobre os problemas, as teorias e os argumentos da Filosofia. Terá de ser capaz de traçar distinções relevantes, de saber defender as suas idéias, de conhecer os argumentos que se levantam contra as suas idéias e de saber responder-lhes de forma adequada e responsável. Terá de conhecer as alternativas às idéias que defende, e terá de saber explicar por que razão as idéias que defende são melhores do que as alternativas. Terá de saber argumentar sem cair em falácias, terá de ser capaz de reagir a contra-argumentos e a contra-exemplos, terá de dominar os pormenores técnicos e as sutilezas das teorias e argumentos mais complexos.

Um ensino de qualidade da Filosofia não é possível sem um espaço para que o estudante discuta idéias. No King's College London cada estudante tem um tutor cujo papel é obrigá-lo a tomar posição e a saber defender as suas idéias. Todas as semanas, o estudante tem uma aula privada de uma hora (ou num grupo pequeno de não mais de 4 ou 5 estudantes, no caso dos estudantes de licenciatura). Todas as semanas o estudante tem de escrever um pequeno ensaio (que varia de tamanho, consoante é um estudante de licenciatura — apenas uma página — ou de mestrado — em geral, 4 páginas) respondendo a uma pergunta colocada pelo tutor. O tutor indica dois ou três textos clássicos ou contemporâneos que o estudante deve ler para poder responder a tal pergunta. Mas o importante é que o estudante tome uma posição

informada, compreendendo o problema em causa e as respostas que os textos dados apresentam. O ensaio do estudante é depois discutido com um tutor, durante uma hora. E o único objetivo da discussão é fazer o estudante dizer o que pensa e defender as suas idéias — e não limitar-se a regurgitar as idéias dos outros. O estudante aprende, assim, pela prática, a fazer Filosofia: aprende a discutir idéias filosóficas, a rever as suas posições, a ter em consideração contra-argumentos e contra-exemplos, aprende a ver alternativas, sente a dificuldade de defender as suas idéias. Num ensino de qualidade da Filosofia, não se pode desprezar o momento da discussão filosófica: sem esse momento, não há bom ensino da Filosofia.

Claro que há outros momentos do ensino da Filosofia: a exposição, por parte do professor, dos problemas, das teorias e dos argumentos da Filosofia; a redação de pequenos ensaios expositivos e não de discussão — isto é, ensaios em que o estudante formula um problema, uma teoria ou um argumento, sem necessariamente os discutir. Mas, em geral, pedem-se sempre ensaios mistos. O próprio estudante acaba por perceber que, se formular mal as teorias que procura refutar, o seu trabalho será mal classificado, precisamente porque está a refutar o que ninguém defende; se formular mal um problema, a sua solução será uma tolice, porque poderá estar baseada numa confusão. Esse método de misturar as coisas é conforme à natureza humana e à natureza da própria Filosofia: é muito difícil estudar um determinado problema, teoria ou argumento e não começar imediatamente a ter idéias sobre tudo aquilo. Nesse tipo de ensino, estimula-se isso, mas mostra-se que nem todas as idéias que temos são boas. Na verdade, o estudante rapidamente percebe que a esmagadora maioria das idéias que temos não vale nada — mas temos de começar por algum lado e o melhor é começar pelos nossos erros, pois, quanto mais cedo nos livrarmos deles, melhor.

No mau ensino da Filosofia, o estudante nunca se sente envolvido nas coisas que atrai para os testes e para os trabalhos finais; é capaz de escrever páginas muito académicas sobre Davidson ou Heidegger, mas se, à mesa do café, lhe perguntarmos o que realmente pensa sobre tudo aquilo... ou não pensa nada, ou pensa tolices, porque nunca pensou realmente naquilo tudo: limitou-se a fazer um relatório, como eu sou capaz de ler um livro de Medicina do século XVIII e fazer um relatório sobre o que o autor diz, sem nunca me passar pela cabeça se concordo ou não com tudo aquilo — o meu trabalho é um mero formalismo que não quer dizer coisa alguma. Isso é tudo o que o ensino da Filosofia não deve ser. Na verdade, o ensino nunca deve ser assim, seja qual for a disciplina. Mas, nas outras disciplinas, nota-se menos, porque há um batalhão de conteúdos técnicos atrás dos quais o formalismo oco e a pura incompreensão cega se escondem tranquilamente.

As idéias e os problemas, seja em Filosofia, seja em Física ou em Musicologia, são coisas vivas, não são curiosidades mortas, no museu bolorento dos neurónios adormecidos, frases que se alinham umas atrás das outras para dar a nota, que depois dá o canudo, que depois dá o emprego, que depois dá a casa e o carro e um lugarzinho confortável no cemitério da freguesia. Um ser humano é, sem dúvida, mais do que isso. O ensino de qualidade também: é o que nos faz humanos — seres inteligentes curiosos, perplexos com o universo e com nós próprios, ardentes de conhecimento, que procuram resolver problemas, criar teorias, avaliá-las discuti-las, acrescentar um pouco mais de compreensão a tudo, para podermos morrer ligeiramente menos estúpidos do que nascemos, e para que os que vêm depois de nós possam começar dois degraus acima de nós, na caminhada que nos faz humanos.